Restoration Fellowship
https://focusonthekingdom.org

O Surpreendente Afastamento de Jesus no Evangelho Popular

"Jesus veio trabalhar por três dias" — Billy Graham

Título original (em inglês)
"***The Amazing Shift Away from Jesus in the Popular Gospel***"

Todas as citações bíblicas neste estudo foram retiradas da versão em português da Almeida Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Salvo indicação em contrário.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um versículo bíblico estão entre **[colchetes]**.

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou de outra língua diferente ao português serão colocadas entre aspas, em "*CURSIVA*" e/ou transliteradas para português.

Os protestantes herdaram um evangelho de sua herança protestante. A questão é: será que este evangelho protestante faz justiça à definição do evangelho dada pela Bíblia e particularmente à de Jesus?

Jesus foi o pregador inicial do Evangelho salvador: "Como então escaparemos se não atendermos a uma oferta de salvação tão importante que Deus a anunciou primeiro através do próprio Senhor? Aqueles que o ouviram nos confirmaram" (*Hebreus 2:3; veja também Mateus 4:17, 23; Lucas 4:43*). *1 Timóteo 6:3* e *2 João 7-9* alertam que qualquer desvio das palavras de Jesus é um erro grave. A própria definição de Evangelho de Jesus é, portanto, o fundamento da fé bíblica.

Comentaristas da história das ideias cristãs apontam que *Lutero* e *Calvino* excluíram arbitrariamente a pregação do Evangelho por Jesus. O evangelicalismo de hoje é, inconscientemente, dominado por uma abordagem dogmática e fundamentalmente confusa da questão "O que é o Evangelho?"

Ao criar o seu próprio dogma*, Lutero* decidiu arbitrariamente definir o Evangelho, tomando textos de João e Paulo e ignorando os outros relatos do ministério de Jesus. A primeira vítima deste procedimento foi o Evangelho do Reino de Deus, o Evangelho salvífico apresentado pelo próprio Jesus como modelo para toda a pregação evangélica subsequente (*Marcos 1:14-15; Lucas 4:43*, etc.).

Lutero e o Evangelho

G. F. Moore escreveu (nossos comentários entre [colchetes]):

> "*Lutero* criou por critérios dogmáticos um cânone do evangelho dentro do cânone dos livros [ele escolheu alguns livros e ignorou outros, usando um procedimento seletivo e enganoso]. *Lutero* escreveu: "**Aqueles apóstolos que tratam com mais frequência e com mais detalhes como somente a fé justifica são os melhores evangelistas**. **Portanto, as epístolas de São Paulo são mais um evangelho do que Mateus, Marcos e Lucas. Pois estes** [Mateus, Marcos e Lucas] **não relatam muito mais do que as obras e milagres de Cristo** [isto é bastante falso: os evangelhos descrevem constantemente o mesmo Evangelho como Jesus o pregou]**; mas ninguém exalta com tanta ousadia a graça que recebemos por meio de Cristo como São Paulo, especialmente em sua carta aos Romanos**". Comparada com o Evangelho de João, as Epístolas de Paulo e *1 Pedro*, '*que* [*Lutero* diz] *são o núcleo e a medula de todos os livros*', a Epístola de Tiago, com a sua insistência de que o homem não é justificado apenas pela fé, mas pela obras que comprovam a fé, é '*uma mera carta de palha, porque não há nada de evangélico nela*'".

Moore comenta perspicazmente:

> "É claro que a infalibilidade das Escrituras aqui seguiu, de facto, se não em admissão, a infalibilidade dos papas e concílios; pois a própria Escritura deve submeter-se ao julgamento pelo critério último da sua concordância com a doutrina de *Lutero* da justificação pela fé. [Em outras palavras, *Lutero* substituiu um sistema dogmático por outro, sujeitando as Escrituras ao seu próprio processo de seleção]". (*Moore*, "*History of Religions*" (História das Religiões), Scribners, 1920, pág. 320).

C.S. Lewis

C.S. Lewis reflete exatamente a mesma tendência. Ele não parece pensar que Jesus pregou o Evangelho! A citação a seguir aponta para um equívoco fundamental e surpreendente sobre o cerne do Cristianismo. *C.S. Lewis* escreveu:

> "As Epístolas são, em sua maior parte, os documentos cristãos mais antigos que possuímos. Os Evangelhos vieram depois [mas Jesus pregou o Evangelho muito antes de as epístolas serem escritas]. Elas não são 'o Evangelho', a declaração da crença cristã... [então as palavras de Cristo não são a declaração do Cristianismo?]. Nesse sentido, as epístolas são mais primitivas e mais centrais que os evangelhos – embora não, é claro, que os grandes eventos que os evangelhos relatam [e as grandes palavras/ensinamentos de Jesus que são o evangelho salvador?]. O ato de Deus (a Encarnação, a crucificação e a Ressurreição) [e a pregação do Evangelho por Jesus?] vem primeiro: a análise teológica mais antiga dele vem nas epístolas: então, quando a geração ouviu que o Senhor estava morrendo Como resultado, os Evangelhos foram compostos para fornecer aos crentes um registro do grande Ato e de algumas das palavras do Senhor [Mateus, Marcos e Lucas de fato registram o Evangelho, assim como João]" [Introdução a "*Letters to Young Churches*" (Cartas às Igrejas Jovens) por *J.B. Phillips*, Fontana Books, págs. 9, 10]"

E o Evangelho salvador do Reino de Jesus? *Lutero* e *C.S. Lewis* habilmente ignoram o Evangelho segundo Jesus.

Renascimento para a salvação

Em contraste, *Moore*, como historiador com menos interesse teológico para polir, reconhece que o ensino de Jesus registado nos evangelhos é absolutamente essencial para o novo nascimento, isto é, para a *salvação*:

> "A ideia de que a entrada para uma vida nova e superior, a vida imortal, deve ser realizada por um renascimento espiritual ou intelectual, ou melhor, por uma regeneração, é frequentemente encontrada nos mistérios [religiões misteriosas], e especialmente nos misticismos." intelectuais da época. "*anagennasthai*" (nascer de novo) e "*paliggenesis*" (renascimento) são termos familiares para eles. Em João, o renascimento é a "*sine qua non*" [absolutamente essencial] da salvação. Carne gera carne; Somente o espírito pode gerar espírito, e somente aquele que é gerado pelo espírito divino pode entrar no "*Reino de Deus*" (*João 3*). No pensamento da época, o espírito não era apenas o princípio da vida divina, mas também do conhecimento superior; É assim que Paulo o concebe (por exemplo, *1 Coríntios 2:14*). Em João [registro de Jesus] os dois estão inseparavelmente conectados, ou melhor, são a mesma coisa" [Moore, "*History of Religions*" (Historia de las Religiones), pág. 142].

Billy Graham e o Evangelho

Um tratado amplamente divulgado intitulado "O que é o Evangelho?" **[1]**, que não contém nenhuma referência ao Reino de Deus, afirma que Jesus "veio trabalhar durante três dias, para morrer, para ser sepultado e para ressuscitar" e que "**ele não veio principalmente para pregar o Evangelho**… mas veio para que "houvesse um evangelho para pregar". É difícil conciliar estas declarações com a declaração de Jesus de que ele foi comissionado com o propósito de proclamar o Evangelho do Reino (*Lucas 4:43*)! Mais uma vez, *Billy Graham* diz: "Jesus veio fazer três dias de trabalho". Mas Jesus disse: "*Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do* ***reino de Deus****; porque para isso fui enviado.*" (Lucas 4:43).

Nunca é demais enfatizar que o cristianismo que não está enraizado e ancorado no Jesus histórico pode tornar-se apenas mais uma fé. Se for pedido às pessoas que "aceitem Cristo" sem serem informadas sobre a mensagem do Cristo histórico, como podemos ter a certeza de que "Cristo" não é apenas um símbolo abstrato? A verdadeira questão então é, nas palavras de *Jon Sobrino*:

> "…seja este Espírito o Espírito de Jesus ou algum Espírito vago e abstrato que nada mais é do que a personificação sublimada dos desejos e anseios da pessoa 'religiosa' natural. Se for o último, então não é apenas diferente, mas até contrário ao Espírito de Jesus". **[2]**

Mais da Associação Billy Graham

> "A palavra 'evangelho' aparece mais de cem vezes no Novo Testamento… O que é então o Evangelho da graça de Deus?… Perguntemos a Paulo a resposta. Ele nos apontaria *1 Coríntios 15:1-4*: "*TAMBÉM vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado...*" … **Paulo nunca falou da vida terrena de nosso Senhor**…O fato de que o Senhor Jesus morreu para salvar é metade do Evangelho! O fato de que ele ressuscitou dos mortos… é a outra metade do Evangelho". **[3]**

É verdade? Por que não há uma única frase sobre o Evangelho que Jesus pregou, ou seja, o Evangelho **sobre o Reino de Deus**? Por que não apontamos a definição do Evangelho do próprio Paulo no versículo seguinte, depois de falar do "Evangelho da graça de Deus"?...:

> Paulo: "*O ministério que recebi do Senhor Jesus* [foi] *para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.… sei que todos vós,* ***por quem passei pregando o reino de Deus****,*" (*Atos 20:24, 25*; compare, *Atos 19:8; 28:23, 30, 31*).

O Evangelho da graça de Deus é o Evangelho do Reino. Não há diferença. A graça de Deus é proclamada na proclamação do Reino de Deus – aquele grande governo mundial que Jesus prometeu estabelecer, com os seus seguidores, na terra quando regressar (ver *Daniel 7:13, 14, 18, 22, 27*). Jesus estava e está se preparando para o grande dia que virá, quando ele e os santos imortalizados assumirão o comando da terra renovada.

A "Palavra" é o Evangelho do Reino

O evangelho cristão da salvação foi proclamado por Jesus e pelos apóstolos. Foi (e é) o Evangelho sobre o Reino de Deus e o nome de Jesus Cristo (*Marcos 1:14, 15; Lucas 4:43; Mateus 4:23; 9:35; 24:14; Atos 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31*). A morte e ressurreição de Jesus são elementos essenciais incluídos no Evangelho, *mas não constituem o Evangelho completo*.

O Evangelho da salvação – "*a mensagem do Reino*", "*este Evangelho do Reino*" (*Mateus 24:14*) que Jesus afirmou ser a base da salvação (ver Mateus 13:19; Lucas 8:12; comparar *Atos 8:12*) – era o centro de toda a pregação bíblica. É a mensagem que Satanás odeia (*Lucas 8:12; Mateus 13:19*). Em todo o Novo Testamento ela é chamada de "a palavra" ou "a palavra do Senhor". O termo "palavra" definitivamente não é apenas outra maneira de dizer a Bíblia. "A palavra" é o núcleo da Bíblia e esse núcleo é encontrado nas palavras salvadoras de Jesus – o seu Evangelho do Reino.

Parece que temos abandonamos o Evangelho do Reino de Jesus. Abandonar o Evangelho de Jesus é abandoná-lo (*Marcos 8:35, 38; 10:39*). Afirmamos, através de textos de prova de uma passagem de Paulo, *1 Coríntios 15:1-3*, que o Evangelho é uma mensagem *apenas sobre* a morte de Jesus pelos nossos pecados e a sua ressurreição. Que isto é falso é provado pelo facto de Jesus e os discípulos pregarem o Evangelho, chamando-o de "o Evangelho do Reino" e "o Evangelho" *muito antes de uma palavra ser dita sobre a sua morte pelo pecado e a sua ressurreição*.

O "Evangelho Evangélico"

O "evangelho evangélico" na América contemporânea deixa de fora o próprio evangelho de Jesus e distorce o evangelho de Paulo, dividindo o Apóstolo de Jesus e omitindo informações vitais. Sem dados corretos, como podemos crer com sucesso na salvação?

O tratado que citamos no início está correto: a fé deve ter um objeto. Devemos acreditar em algum fato. Mas devem ser os fatos corretos! A questão é: em que fatos devemos acreditar? É uma questão de obediência e do senhorio de Jesus. Estamos dispostos a obedecer ao seu primeiro mandamento: "*Arrependei-vos, e crede no evangelho* [do Reino de Deus]" (*Marcos 1:14, 15*)?

A Perda do Jesus da história

A história do Cristianismo deveria ser motivo de alarme para os paroquianos. Devido a uma abordagem anti-intelectual da fé, muitos continuam a ignorar os grandes problemas que afetam o seu relacionamento com Deus. Quando os teólogos refletem sobre a condição da Igreja ao longo dos séculos, muitas vezes expõem um extraordinário afastamento do Jesus histórico. *David Kaylor* escreve:

> "**A fé cristã não se concentrou no Jesus histórico**. O Credo dos Apóstolos demonstra a verdade desta afirmação, pois vai de "nascido da Virgem Maria" a "crucificado sob Pôncio Pilatos". A omissão do

> Credo sugere que os anos e atividades de Jesus não tiveram consequências reais para a fé... Teológica e eticamente, não é suficiente dizer que ocorreu uma morte e uma ressurreição. *Quem foi Jesus*, quem os romanos executaram e Deus ressuscitou dentre os mortos, é importante não apenas para o historiador, mas também para o teólogo e crente. O carácter histórico de Jesus, e não simplesmente um Cristo espiritual, fornece à fé cristã a sua razão de ser e o seu poder para provocar mudanças na vida social pessoal. **[4]**

Estratégia Satânica

Se o Jesus proclamado como Salvador não está ancorado na figura histórica registada no Novo Testamento, quem sabe que tipo de Jesus pode ser abraçado? Parece-me claro que Satanás poderia muito bem tirar vantagem da fraqueza do espírito religioso do homem apresentando um Jesus que é apenas vaga e superficialmente o Jesus da Bíblia. No entanto, a falsificação poderia ser mais sutil. A estratégia satânica funcionaria arduamente para separar Jesus dos seus próprios ensinamentos (declarados na sua forma mais clara em Mateus, Marcos e Lucas). Portanto, "Jesus" poderia ser apenas um símbolo religioso oferecido como uma panaceia espiritual para os males do mundo e dos indivíduos.

O Jesus judeu e apocalíptico, pregador de uma futura sociedade justa na Terra – o Reino de Deus – poderia então cair no descrédito e na obscuridade. Seu reaparecimento na pregação provavelmente pareceria estranho e indesejado até mesmo para os paroquianos que foram alimentados com uma dieta sem os ingredientes hebraicos do Novo Testamento.

A política mais segura contra o engano seria restabelecer o Evangelho do Reino no centro de toda a pregação. Isto protegeria contra a tendência de inventar Jesus a partir das nossas próprias mentes **[5]**. Também protegeria os crentes contra a afirmação extravagante de um importante teólogo que comentou: "O que pode ser dito sobre o Jesus histórico pertence ao domínio do 'Cristo segundo a carne'. *Esse Cristo, porém, não nos diz respeito*. O que se passava no coração de Jesus eu não sei e não quero saber" **[6]**. [Esta tendência, expressa de forma menos flagrante, afeta várias escolas de pensamento teológico, entre as quais a que relega os ensinamentos de Jesus a um ministério dirigido apenas aos judeus e aplica as suas instruções éticas ao futuro milénio.

Confessar Jesus como Messias, Filho de Deus

Não é em vão que a cristologia, o estudo da identidade de Jesus, sempre atraiu a atenção dos teólogos. Quando Jesus perguntou a Pedro: "*E vós, quem dizeis que eu sou?*" **[7]** A resposta verdadeira de Pedro de que ele era o Messias foi recebida com os maiores elogios. A resposta correta à pergunta, disse Jesus, só pode ser fornecida pela revelação divina. Reconhecer Jesus como o Messias é compreender o segredo do Cristianismo e abrir o caminho para a posse do Reino. **[8]** Reconhecer Jesus como algo diferente do Messias, Filho de Deus, é perder o sentido da fé cristã. João faz eco ao seu Mestre quando diz: "Não há falsidade tão grande como a negação da Messianidade de Jesus". **[9]**

Lutero e Calvino excluíram o Evangelho de Jesus

É razoável perguntar-se por que o Reino de Deus aparece tão pouco na evangelização moderna. A resposta reside numa longa falta de ênfase nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, que remonta a *Calvino* e *Lutero*. Uma ofensa inconsciente ao Jesus judeu messiânico fez com que estes dois líderes protestantes expressassem uma curiosa preferência pelo Evangelho de João em detrimento dos outros três Evangelhos. Lutero, escrevendo o prefácio à sua tradução do Novo Testamento (1522), declarou: "O Evangelho de João é o único Evangelho que é delicadamente sensível ao que é a essência do Evangelho, e deve ser amplamente preferido aos outros três. e colocado em um nível superior" [citado por *D. Fuller*,

"*Gospel and Law: Contrast or Continuum*" (Evangelho e Lei: Contraste ou continuidade), Grand Rapids: Eerdmans, 1980, pág. 160].

Calvino seguiu-o nesta opinião. *Calvino* até se aventurou a sugerir uma ordem diferente para Mateus, Marcos, Lucas e João, fazendo de João a introdução ideal para seus três colegas repórteres da vida de Jesus:

> "A doutrina que nos aponta o poder e o benefício da vinda de Cristo é exibida por João muito mais claramente do que as [outras três]. Os três [evangelhos sinópticos] anteriores exibem o corpo [de Cristo] ..., mas João exibe sua alma. É por isso que costumo dizer que este Evangelho é uma chave para abrir a porta para a compreensão do resto... Ao ler [os quatro Evangelhos] seria vantajoso uma ordem diferente, ou seja, quando queremos ler em Mateus e outros que Cristo nos foi dado pelo Pai, devemos primeiro aprender com João o propósito para o qual ele se manifestou" ["Prefácio ao comentário de Calvino sobre João"].

O Evangelho é judaico

Os cristãos deveriam acordar para o facto de que os seus vários sistemas tradicionais, que afirmam ser baseados nas Escrituras, não os têm servido bem. As Escrituras em nenhum lugar dizem que o evangelho de João deveria ser preferido ao de Mateus, Marcos e Lucas. Nem ensina que Jesus pregou uma mensagem judaica na cruz; Então Paulo trouxe uma mensagem diferente de graça aos gentios. O facto é que *o Evangelho pregado por Jesus é tão essencial para a nossa salvação que é repetido em nada menos que três versões complementares* (Mateus, Marcos, Lucas), com João apenas confirmando o mesmo ensinamento, muitas vezes em vocabulário diferente. A "*New Scofield Bible*" (Nova Bíblia Scofield), lida por milhões de pessoas, diz que "mesmo na cruz é de se esperar uma forte cor legal e judaica" (pág. 987). O fato é que toda a fé do Novo Testamento tem caráter judaico e constantemente faz fortes exigências de obediência.

A Parábola do Semeador

Estamos no centro do problema que aflige as versões atuais da fé. A chamada escola de pensamento "dispensacional" está criando uma falsa distinção e divisão. Os ensinamentos de Jesus não permanecem no centro do esquema de salvação proposto pelos dispensacionalistas. *John Walvoord* diz que o Sermão da Montanha "não trata da salvação, mas do caráter e conduta daqueles que pertencem a Cristo... Que seja apropriado apontar um incrédulo para a salvação em Cristo claramente não é a intenção desta mensagem ... O Sermão da Montanha, como um todo, *não é precisamente a verdade da igreja*... Ele não pretende delinear a justificação pela fé ou pelo evangelho da salvação." De forma bastante ambígua, ele acrescenta que não deve ser relegado a "uma verdade sem importância" ["*Matthew: Thy Kingdom Come*" (Mateus: Venha o Teu Reino", Moody Press, 1984, págs. 44, 45).

Na verdade, a parábola do semeador em *Mateus 13, Marcos 4* e *Lucas 8* nos dá exatamente a informação que precisamos para definir o Evangelho e como ele deve ser aceito. Jesus deixou bem claro que aceitar a sua própria pregação do Reino de Deus é o primeiro passo para a salvação: "*E os que estão junto do caminho, estes são os que ouvem; depois vem o diabo, e tira-lhes do coração a palavra, para que não se salvem, crendo*" (*Mateus 13:19* e *Lucas 8:12*).

A Promessa da Terra

A promessa da Terra/Reino, que é o coração do Evangelho de Jesus, foi perdida. 77% da nossa Bíblia, que é o Antigo Testamento, foi separada do Novo Testamento. Esquecemos que Deus pregou o Evangelho a Abraão (*Gálatas 3:8*) e que a pregação do Evangelho do Novo Testamento por Jesus é baseada na aliança feita com Abraão. Deus prometeu a terra a Abraão e seus descendentes espirituais (*Gálatas 3:29*). Da mesma forma, Jesus prometeu a terra aos cristãos (*Mateus 5:5; Apocalipse 5:10*).

> O "assassinato do texto [bíblico do Antigo Testamento]" pela erudição crítica ["*The Gospel and the Land*" (O Evangelho e a Terra), pág. 48] tem sido igualmente responsável pela supressão da esperança da aliança de "vida na terra". Ao fragmentar a Bíblia hebraica em prol de uma teoria da composição, os estudiosos perderam de vista o que *James Dunn* chamou de pressuposto Paulino sobre a autoridade das Escrituras, "que uma mente e um propósito [de Deus] inspiraram os vários escritos [a Bíblia]" ["*Commentary on Romans*" (Comentário sobre Romanos), Word Books, 1988, pág. 202].

Depois de quase dois mil anos de oposição incompreensível dos gentios, a promessa a Abraão de descendência, propriedade e prosperidade deve ser restabelecida nos ensinamentos da Igreja como o tema coerente e unificador da fé bíblica em Deus e em Cristo e o núcleo essencial do Evangelho. Cristão sobre o Reino de Deus. Não poderia haver maior ponto de encontro para o cristianismo fragmentado. Nenhum outro tema além daquele que une toda a revelação divina pode fornecer às igrejas a mensagem unificada de que tanto necessitam.

Herdeiros da Terra

Como diz *James Dunn*:

> "A ideia de '**herança**' era uma parte fundamental da compreensão judaica de sua relação de **aliança** com Deus, especialmente, de facto, quase exclusivamente, em conexão com **a terra –** a terra de Canaã, deles por direito de **herança prometida** a Abraão ... [Este] é um dos temas mais emocionais da identidade nacional judaica... Central para a autocompreensão judaica era a convicção de que Israel era a herança do Senhor... Parte integrante da fé nacional era a convicção de que Deus deu a Israel a **herança da Palestina**, a terra prometida. É este axioma que **Paulo evoca e se refere ao novo movimento cristão como um todo, tanto gentios como judeus**. Eles são herdeiros de Deus. O relacionamento especial de Israel com Deus foi estendido a todos em Cristo. **E a promessa da terra foi transformada na promessa do Reino**... Essa herança do Reino, plena cidadania sob o governo somente de Deus, é algo que os crentes ainda esperam" ["*Commentary on Romans*" (Comentários sobre Romanos), págs. 213, 463, grifo nosso].

O Evangelho é a promessa de Deus a Abraão

Mais uma vez devemos insistir na ligação direta entre o cristianismo primitivo e a aliança com Abraão. Como *Dunn* diz:

> "O grau em que o argumento de Paulo é determinado pela atual autocompreensão de seu próprio povo é claramente indicado por sua formulação cuidadosa, que capta quatro elementos-chave dessa autocompreensão: a promessa da aliança feita a Abraão e seus descendentes, a promessa da aliança feita a Abraão e seus descendentes, a herança da terra como seu elemento central… Tornou-se quase um lugar-comum no ensino judaico que a aliança prometia que a semente de Abraão **herdaria a terra** [comparar, *Mateus 5:5; Apocalipse 5:10*]… A promessa assim interpretada foi fundamental para a autoconsciência de Israel como povo da aliança de Deus: foi a razão pela qual Deus os escolheu em primeiro lugar entre todas as nações da terra, a justificativa para se considerarem distintos de outras nações, e a reconfortante esperança que tornou suportável a atual humilhação nacional...

> "O caso de Paulo revela a forte continuidade que ele viu entre a sua fé e a promessa fundamental das Escrituras ao seu povo... **Paulo não tinha dúvidas de que o Evangelho que ele proclamou era uma continuação e cumprimento da promessa de Deus a Abraão** [comparar, *Gálatas 3:8*]. Mas ele foi igualmente claro ao dizer que os herdeiros da promessa de Abraão não deveriam mais ser identificados nos termos da lei. Pois *Gênesis 15:6* ['*Abraão creu em Deus e isso lhe foi creditado como justiça*'] mostra claramente que a promessa foi dada e aceita pela fé, independentemente da lei, no todo ou em parte" ["Commentary on Romans" (Comentário sobre Romanos), págs. 213, 463], (ênfase adicionada).

Seja Compreensivo Com A Compreensão Judaica

"A primeira tarefa da exegese [explicar a Bíblia] é penetrar tanto quanto possível no contexto histórico do autor e daqueles para quem ele escreveu. Muito disso implica que tanto o autor quanto os destinatários consideram isso um dado adquirido. Quando um leitor moderno desconhece (ou não simpatiza com) essas suposições e preocupações compartilhadas, será impossível ouvir o texto como o autor pretendia que fosse ouvido (e presumiu que seria ouvido). Neste caso, uma parte importante desse contexto é a autocompreensão dos judeus e do judaísmo no primeiro século e dos gentios que simpatizavam com o judaísmo. **Visto que, infelizmente, a maior parte da história e dos estudos cristãos não tem sido simpática a essa autocompreensão, se não abertamente hostil a ela, uma apreciação adequada de Paulo na sua interação com essa autocompreensão tem sido virtualmente impossível** [compare, O Aviso! de Pedro sobre o perigo de mal entendido sobre Paulo!]" ["*Commentary on Romans*" (Comentário sobre Romanos), págs. xiv, xv], (grifo nosso).

Um Desastre na Pregação e na Prática.

Canon H. Goudge alertou sobre um desastre na pregação e na prática. A substituição dos modos de pensar judaicos (o pensamento dos escritores da Bíblia) pelas ideias dos gentios tem sido um desastre que afeta as denominações:

> "[Depois dos tempos do Novo Testamento] o grande povo escolhido de Deus [os judeus] logo foi o menos adequadamente representado na Igreja Católica [universal]. Isso foi um desastre para a própria Igreja. Significava que a Igreja como um todo não compreendia o Antigo Testamento e que a mente grega, e por sua vez a mente romana, passou a dominar a sua perspetiva: *Desse desastre a Igreja nunca se recuperou na doutrina ou na prática*. Se hoje entendemos novamente o Antigo Testamento corretamente e, portanto, muito melhor do que antes do Novo Testamento, devemos isso aos nossos modernos estudiosos do hebraico e, em parte, aos próprios estudiosos judeus. Acreditamos que Deus queria que os judeus fossem seus missionários; A primeira grande era de evangelização foi a era apostólica, quando os missionários eram quase inteiramente judeus; ninguém mais poderia ter feito o que eles fizeram. Se outra grande era de evangelização surgir hoje, precisaremos dos judeus novamente" ["*The Calling of the Judeus*" (O Chamamento dos Judeus) no volume coletado de ensaios "*Judaism and Christianity*" (Judaísmo e Cristianismo) (London: Shears and Co., 1939), citado por Lev Gillet, "*Communion in the Messiah*" (Comunhão no Messias), Londres: Lutterworth Press, 1942, p. 194].

Diferentes Definições do Evangelho

Concluamos lembrando a notável diferença entre as definições populares do Evangelho e a definição de Jesus e Paulo:

> *C.S. Lewis*: "O evangelho não está nos evangelhos."

Billy Graham: "Jesus veio fazer três dias de trabalho. "Jesus não veio principalmente para pregar o Evangelho".
[Nossa função no céu será] "preparar pratos celestiais", "brincar com as crianças, "cuidar dos jardins" ou "polir arco-íris". **[10]**

Jesus: "*Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do reino de Deus; porque para isso fui enviado*" (*Lucas 4:43*).

"…*e* [os crentes] *reinaremos sobre a terra*" (*Apocalipse 5:10*).

Paulo: "*... ei que todos vós, por quem passei pregando o reino de Deus*" (veja *Atos 20:25*; compare, *versículo 24*)

"*Vocês não sabem que os santos governarão o mundo?... e se o mundo permanecer sob sua jurisdição*…" (*1 Coríntios 6:2*, Moffatt).

Observe também como as igrejas substituíram o "céu" no momento da morte por almas desencarnadas para o objetivo cristão, que é herdar a terra quando Jesus retornar. Os estudiosos protestam contra as tradições eclesiásticas errôneas, mas poucos prestam atenção:

"O termo 'céu' na Bíblia não é usado em nenhum lugar para se referir ao destino dos moribundos."– Estudioso bíblico de Cambridge, *J.A.T. Robinson*, "*In the End God*" (No final, Deus), pág. 104.

"Nenhum texto bíblico autoriza a afirmação de que a alma se separa do corpo no momento da morte." – O famoso "*Interpreter's Dictionary of the Bible*" (Dicionário do Intérprete da Bíblia) (Vol. 1, pág. 803).

O Céu Não é Nosso Objetivo

William Strawson, professor de teologia sistemática e filosofia da religião, fez um estudo detalhado de Jesus e da vida após a morte e dedicou 23 páginas ao exame da palavra "céu" em Mateus, Marcos e Lucas. Ele concluiu:

"Em poucos casos, se houver, existe algum paralelo no uso da palavra 'céu' com o uso moderno. Os registos evangélicos da vida e dos ensinamentos de nosso Senhor *não falam de ir para o céu*, como faz naturalmente um crente moderno. Pelo contrário, a ênfase está naquilo que é "celestial" que desce ao homem… A nossa maneira moderna de falar da vida com Deus como se fosse a vida "no céu" não é a forma como os evangelhos falam do assunto. Não há *especialmente nenhuma sugestão de que Jesus esteja oferecendo aos seus discípulos a certeza do "céu" depois desta vida*. **[11]**

"O céu como morada futura dos crentes é [uma conceição] que se destaca pela sua ausência no pensamento de São Paulo. A segunda vinda é sempre do céu tanto na primeira (*1 Tessalonicenses 1:10*) quanto na última (*Filipenses 3:20*) das cartas de Paulo.... Possivelmente ele assume que os crentes terão seu lugar em uma terra messiânica. Reino que não acredita ser necessário mencioná-lo. **[12]**

"Jesus não estava pensando em uma vida após a morte incolor e puramente celestial, mas antes a imaginou como um estado de coisas que existia *nesta terra* – embora, é claro, uma terra transfigurada – e em sua própria terra." **[13]**

O Evangelho da salvação – obter a imortalidade no vindouro Reino de Deus numa terra renovada – é sobre como preparar-se agora para herdar a terra com o Messias no seu futuro e o seu regresso espetacular para alcançar a paz entre todas as nações (*Isaías 2:1-6*).

Notas Finais

[1] Publicado pela "*The Billy Graham Evangelistic Association*"(Associação Evangelística Billy Graham), 1980.

[2] "*Christology at the Crossroads*" ¨(Cristologia na Encruzilhada), Orbis Books, 1982, pág. 384.

[3] *Roy Gustafson*, "*Billy Graham Association*" (Associação Billy Graham), grifo nosso.

[4] *R.D. Kaylor*, "*Jesus the Prophet, His Vision of the Kingdom on Earth*" (Jesus, o Profeta, Sua Visão do Reino na Terra), ênfase acrescentada.

[5] A teologia unitarista universalista parece ter caído na mesma armadilha contra a qual a Bíblia adverte (*2 João 7-9*). Um tratado sobre a visão Unitarista Universalista de Jesus diz: "Não é possível descrever o Jesus histórico, embora existam muitas descrições Dele... Cada um de nós pode imaginar o Jesus histórico como quisermos... O aspeto importante da realidade pessoal com o que devemos aceitar não é o Jesus histórico, mas a ideia de Jesus tal como existe em nossa cultura contemporânea... Acho estimulante acreditar que a perfeição que derramamos na figura de Jesus emergiu das mentes dos seres humanos, dos seres humanos, da imaginação humana e da aspiração ética... Sou a favor de um Jesus cada vez melhor, nascido do coração aspirante da humanidade" (*J.G. MacKinnon*).

[6] R. Bultmann, "*Zur Frage der Christologie*", em "Glauben und Verstehen", citado por *G.R. Beasley-Murray* em "*The Kingdom of God and Christology in the Gospels*" (O Reino de Deus e Cristologia nos Evangelhos), em "*Jesus of Nazareth: Lord and Christ*" (Jesus de Nazaré: Senhor e Cristo), ed., *J.B. Verde e M. MacKinnon*. J. *B. Green e M. Turner*, Grand Rapids: Eerdmans, 1994, pág. 23.

[7] *Mateus 16:15*.

[8] *Mateus 16:19*.

[9] *1 João 23:22* de acordo com *J.W.C. Wand*, "*The New Testament Letters, Prefaced and Paraphrased*" (As Cartas do Novo Testamento, Prefaciadas e Parafraseadas), Oxford University Press, 1946.

[10] "*What Heaven is Really Like*" (Como é realmente o céu), "*Hope for the Troubled Heart*" (Esperança para o coração perturbado", Word Pub. Co., 1991

[11] pág. 38.

[12] "*Heaven*" (Céu) "Dicionário de Cristo e dos Apóstolos", Vol. I, pág. 531.

[13] W. Bousset, "*Jesus*" (Jesús), Londres: Williams e Norgate, 1906, pág. 82,0